



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS ATRAVÉS DAS ESCOLAS BILÍNGUES NO BRASIL: UMA NOVA REALIDADE ¹

Iasmin Araújo Bandeira Mendes

Universidade Federal de Campina Grande, email: iasminabmendes@gmail.com

Introdução

O ensino de línguas é uma realidade antiga no Brasil. Essa história começa nos primórdios do país, quando, invadidos por Portugal², os nativos que se encontravam na região brasileira foram impostos compulsoriamente ao estilo de vida, cultura, religião e principalmente ao idioma dos invasores oriundos da metrópole: o português.

Segundo LEFFA (1999): simultânea a essa tentativa de estabelecer o português como língua oficial do país, as escolas trazidas pelos jesuítas³ abordavam junto à catequização, o ensino de línguas clássicas, como o grego e o latim. Posteriormente, no império, os idiomas clássicos foram aos poucos substituídos pelos idiomas chamados modernos, tais quais: francês, italiano, alemão e inglês⁴.

Entre dificuldades no ensino por desqualificação profissional e reformas educacionais, como a Reforma Capanema⁵ para restabelecê-lo, o aprendizado de idiomas estrangeiros seguiu sua trajetória até chegar a realidade a qual temos hoje no século XXI: a crescente preocupação em ter uma segunda língua vinculada ao currículo. A justificativa para essa situação é a incessante globalização na qual o mundo

¹Trabalho apresentado no II Conedu (Congresso Nacional de Educação) realizado em Campina Grande entre os dias 14 e 17 de Outubro de 2015.

² Em 1500, durante as grandes navegações, os portugueses chegaram ao Brasil iniciando, a partir desse momento, o período pré-colonial e começando assim a história do país.

³ Os jesuítas foram católicos trazidos juntos aos colonizadores com o objetivo de catequizarem os nativos com a religião da metrópole: O catolicismo.

⁴ Posteriormente, o espanhol é introduzido nessa categoria.

⁵ Reforma do sistema educacional brasileiro realizada durante a Era Vargas (1930-1945), sob o comando do ministro da educação e saúde Gustavo Capanema.



contemporâneo está imerso: as distâncias estão muito menores com o uso digital, viajar para outros países, imigrar, cerrar laços comerciais com outras regiões e, portanto, entrar em contato com outras línguas é uma oportunidade cada vez mais iminente.

Diante dessa situação, a educação brasileira tenta abranger o ensino de línguas, seja a partir de disciplinas específicas nas escolas tradicionais, em cursos de idiomas ou agências de intercâmbio com propostas de âmbito educacional.

Eis que dentre essas possibilidades aparece o tema desse artigo: as escolas bilíngues, que vêm tendo uma inserção cada vez maior no meio educacional brasileiro. É uma proposta inovadora e ainda pouco conhecida no país. Com exceção de algumas cidades globais, como São Paulo, o termo "escola bilíngue" em contraste com outros métodos de ensino de idiomas não está clara no entendimento dos brasileiros.

O diferencial da escola bilíngue que vem sendo novidade no Brasil é a inserção precoce da língua estrangeira a partir do segundo ano de vida da criança (MOURA, 2014). Apesar da importância dada a um segundo idioma, o aprendizado em geral era feito depois que o aprendiz obtivesse boa parte do seu vocabulário e sua capacidade oral na língua materna. As escolas de idiomas e escolas tradicionais em tempos mais recentes vêm expondo seus alunos a outras línguas a partir dos 4 anos, mas raramente menos que isso. As escolas bilíngues aparecem para quebrar esse paradigma e possibilitar a criação da criança em dois ou mais idiomas. No âmbito mais literal do termo, permitindo que ela aprenda simultaneamente duas línguas.

Essa proposta é inovadora no nosso país por alguns pontuais motivos: o Brasil, apesar de imenso, possui apenas uma língua oficial, o português. Vários países, alguns muito menores, lidam com a realidade de em uma mesma nação, haver duas, três ou até mais linguagens. Como exemplo temos o Canadá - francês e inglês; a Bélgica - francês, flamengo e alemão; ou ainda África do Sul com 11 línguas nacionais, entre elas inglês e africâner, além dos dialetos locais. Em países como esses várias crianças são criadas como bilíngues. Outro motivo a ser levado em consideração é que a porcentagem de crianças no Brasil com pais de nacionalidades diferentes é



relativamente baixa, pois filhos de pais que tem línguas maternas distintas normalmente desenvolvem as duas línguas (HAGÈGE, 1999).

Levando em consideração os assuntos previamente discutidos, este trabalho objetiva definir pontualmente as características e particularidades de escolas bilíngues considerando principalmente a vertente linguística e utilizando o Brasil como objeto em estudo.

1. Distinção do termo "escola bilíngue"⁶ em detrimento à outros tipos de ensino de idiomas

Para compreendermos a definição de escolas bilíngues, preferi fazer uma explicitação e comparação de outras formas de aprendizado de língua estrangeira.

Como primeiro exemplo temos o comum ensino de idiomas nas escolas tradicionais monolíngues. O ensino de pelo menos uma segunda língua é obrigatório pelas diretrizes curriculares do Sistema Educacional Brasileiro. Na maioria das escolas, o ensino do inglês se inicia no ensino fundamental e tem um formato bem específico e normalmente é considerado restrito.

Os cursos de idiomas apresentam uma possibilidade mais especializada no horário oposto ao turno da escola e vêm aceitando crianças cada vez mais novas. Ainda assim, são poucos os contatos semanais.

Os sistemas de intercâmbio costumam ser bastante eficazes, mas acontecem em período tardio se considerando as opções anteriores. As viagens acontecem normalmente para a faixa etária a partir dos quinze anos, caso seja um programa de longa duração, e um pouco menos para programas de curta duração.

Levando em consideração essas possibilidades mais comuns e outras que vêm sendo testadas por diferentes instituições, chega-se a uma conclusão consensual: O sistema de imersão traz bons resultados para o ensino de línguas (HAGÈGE, 1996).

Utilizado por várias escolas e cursos e sendo carro-chefe nos

⁶ Este trabalho levará em consideração as escolas bilíngues que se limitam a duas línguas: a materna e uma estrangeira. Há, porém, várias escolas que trabalham com uma quantidade maior de idiomas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

intercâmbios, o sistema de imersão se trata de introduzir o aprendiz em um ambiente totalmente envolvido pela língua estrangeira, forçando um entendimento e posterior aprendizado na língua. Dessa forma, os professores se direcionam exclusivamente em uma segunda língua aos seus alunos, introduzindo bastantes músicas e cantigas.

A fundamentação teórica desse método é o fato de que a capacidade auditiva de uma criança é muito ampla. Para Claude HEGÈGE (1996, p. 15), "o bebê é um ávido ouvinte":

Uma criança de apenas alguns dias é não apenas sensível a todo fenômeno sonoro [...] como também é capaz de localizar a fonte.

As escolas bilíngues se encaixam nessa perspectiva. Com a diferença que a imersão dos alunos na língua estrangeira, nesse caso, é feita mesmo antes do desenvolvimento oral da criança. Em prol disso, HEGÈGE (1996, p. 22) argumenta:

A criança aprende a falar muito depois de aprender a ouvir. E é essa precocidade da audição, bem como sua riqueza de abertura aos sons mais variados que convém explorar na educação bilíngue.

Diferente dos cursos de inglês, porém, essa imersão acontece quatro horas por dia, cinco dias na semana. Possibilitando assim que a criança tenha realmente uma rotina em uma segunda língua. A mestre em linguagem Selma Moura afirma:

Uma escola bilíngue se organiza, em todos os níveis, para proporcionar aos seus alunos as competências necessárias para usar duas ou mais línguas em situações acadêmicas e sociais. Por isso, uma escola bilíngue ensina por meio das línguas e não apenas as línguas, sendo essa a principal diferença em relação a escolas de idiomas. Isso significa que os alunos não tem apenas aulas DE inglês, francês, espanhol, libras ou línguas indígenas, mas tem, principalmente, aulas de diversas matérias EM inglês, francês, espanhol, coreano, libras, línguas indígenas ou



qualquer outra.

Um sistema que pode ser confundido com o das escolas bilíngues é o das escolas internacionais, mas é necessário compreender as distinções entre elas.

As escolas internacionais visam o ensino da língua, dos costumes e do currículo de um outro país. O formato da escola e o sistema educacional seguidos são estrangeiros. As escolas americanas no Brasil, por exemplo, tem ser primeiro semestre se iniciando no início de Agosto como acontece nos Estados Unidos. Os alunos dessas escolas são preparados para um futuro profissional fora do seu país de origem.

As escolas bilíngues, por sua vez, se preocupam em preservar o formato das escolas brasileiras. As férias são compatíveis às das escolas tradicionais e a grade curricular segue o padrão programado pelo Ministério da Educação. Ainda que algumas optem por seguir parâmetros curriculares estrangeiros, essa decisão é opcional. Seguir os parâmetros curriculares brasileiros, por sua vez, é obrigatório.

Essa preocupação em preservar o formato brasileiro de escola, remete a uma alfabetização feita primeiramente em português ou no máximo simultânea. Além disso, apesar dos anos iniciais seguirem um programa cem por cento em inglês, a partir do final da educação infantil as crianças já tem parte do horário escolar em português e essa fração de tempo de estudo na língua mãe aumenta com um passar dos anos.

Não apenas em âmbito curricular e acadêmico há essa preservação da estrutura brasileira. As comemorações nacionais nas escolas bilíngues são apresentadas e festejadas pelos alunos como forma de conhecer a cultura do país de origem da maioria deles. Carnaval e São João acontecem de forma semelhante à escolas monolíngues.

Conclusão

As escolas bilíngues, portanto, surgem como uma nova possibilidade de ensino de idiomas para suprir a crescente preocupação dos pais em possibilitar aos seus filhos a fluência eficaz em mais de uma língua, sem que haja um distanciamento em relação aos costumes nacionais. Apesar de pouco conhecidas, principalmente em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

regiões de menor porte ou com menos características globais, essas instituições vêm ganhando espaço e introduzindo palatinamente seus ideais e objetivos no mercado educacional brasileiro.

Referências bibliográficas

Moura, Selma. **O que é uma escola bilíngue?**. Disponível em:

<<http://educaçãobilingue.com/2014/10/01/o-que-e-uma-escola=bilingue/>> Acesso em: 05 Agosto 2015

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional.**

Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

BOSEMARK. Cristina. **Raising bilingual children: Fact or Fiction?**. Disponível em:

<<http://www.omniglot.com/language/articles/bilingualkids2.htm>>. Acesso em: 08 Agosto 2015.

HAGÈGE, Claude. **A criança de duas línguas.** Lisboa. Éditions Odile Jacob, 1996.

SOUZA, S. J. E. **Infância e linguagem:** Bahtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP. Papirus, 1994.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.